

# O VI Salão Nacional de Arte Moderna

## TENDÊNCIAS

### PINTURA

MARC BERKOWITZ

INFELIZMENTE, o VI Salão Nacional de Arte Moderna — como também foi o caso dos salões anteriores — não consegue apresentar uma espécie de corte transversal da arte moderna no Brasil e de suas tendências. Para isso existe toda uma série de razões: a pouca publicidade feita nos Estados, o baixo nível e o número grande dos envios dos chamados "hors concours", a benevolência exagerada do júri, o regulamento que deve ser completamente remodelado, a falta de interesse dos "grandes" pelo Salão, que poderiam e deveriam prestá-lo, enviando os seus trabalhos mais recentes. Em geral, uma vez que o artista ganha os prêmios importantes — principalmente o cobradíssimo Prêmio de Viagem — perde completamente o interesse pelo Salão, achando que dele já não pode mais tirar proveito. Por essas e outras razões as tendências representadas no Salão nem sempre representam as tendências da arte moderna no Brasil e do mundo.

Este ano o Salão mostra uma coisa alínea já sobejamente conhecida: a vitalidade extraordinária da arte abstrata da tendência chamada abstracionismo expressionista. Mostra também que antes de realmente nascer no Brasil, o concretismo — apesar de seu Salão Nacional de Arte Concreta, realizado com grandes alardeos de publicidade, mas com poucos resultados artísticos — já está moribundo, depois de ter sido ultrapassado há muito tempo na Europa. O escultor Franz Weissmann, dito concretista, apresenta algumas das melhores obras do Salão, não há dúvida, mas se trata de um artista individual, de forte personalidade, de um criador que não se limita em fórmulas geométricas encaixadas em livros do primeiro ano abstracionista. Serpa está se afastando do concretismo, e acredito que será fora da aridez das fórmulas preestabelecidas que ele poderá encontrar o caminho digno de seu grande talento. Maria Leontina, Saidanha e Kraj-

berg são, na minha opinião, os mais fortes representantes da tendência abstrato-expressionista. Seus trabalhos são de mais alto nível internacional. O figurativismo é outra tendência de importância suprema, e que naturalmente jamais perderá a sua validade. As formas da natureza e as emoções nunca poderão estar completamente ausentes das manifestações plásticas. Não vale a pena entrar numa discussão das subdivisões das tendências. Mas como na abstração o Salão parece querer demonstrar a aridez do concretismo, o mesmo ocorre no setor do figurativismo em relação à tendência chamada social-realista. Muitos artistas que apoiavam essa tendência se libertaram dela — vejamos os casos de Carlos Scliar e de Glaucio Rodrigues. Principalmente a pintura de Scliar evoluiu muito: a imaginação e a poesia finalmente en-

traram no mundo monótono da realidade fotográfica. No Brasil a pintura primitiva — ou antes ingênua — ocupa um lugar de grande destaque. Não é uma tendência que me interessa muito. O mais famoso primitivo de todos, o "doutor" Rousseau — e naturalmente os primitivos italianos e flamengos — eram simplesmente grandes artistas que ignoravam as regras existentes. Aqui, Djaniira é uma

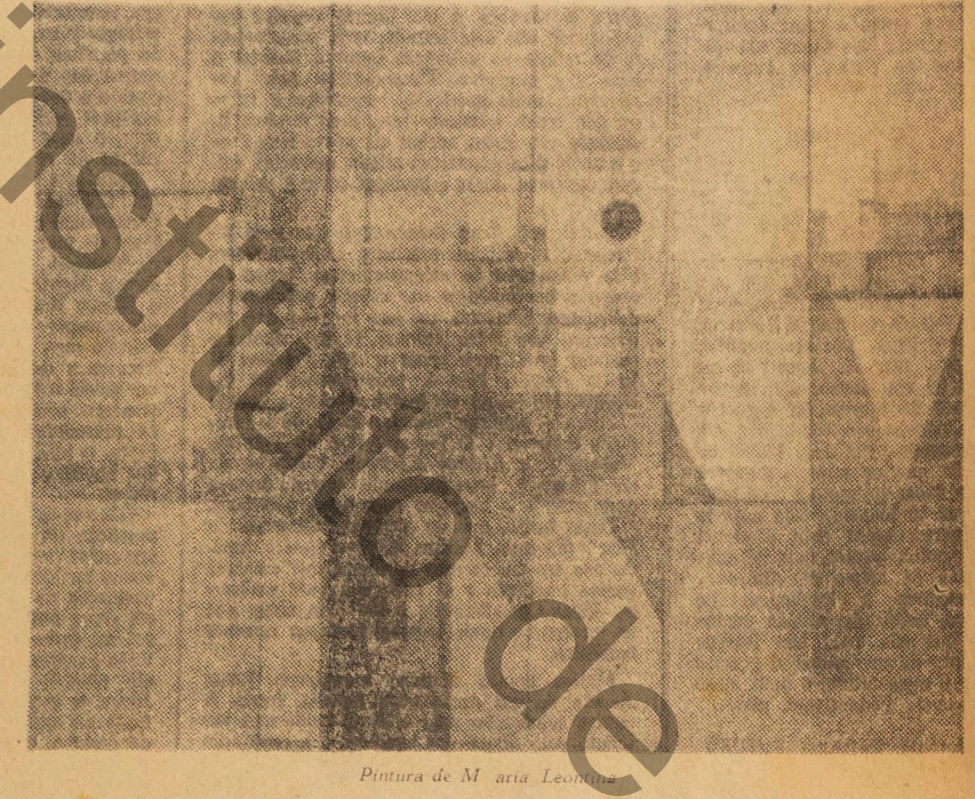
UMA COISA está evidente a quantos penetram no primeiro andar do Ministério da Educação e Cultura, onde se realiza atualmente, inaugurado a 15 de maio, o Sexto Salão Nacional de Arte Moderna, criado pela lei 1.512, em 1951: — aproximadamente cinquenta por cento das obras ali expostas pertencem ao domínio da pintura, repartindo-se as demais por entre as cinco outras especialidades artísticas. Ainda está demasiadamente presa a preconceitos, faltam quaisquer coisa sem o que não poderá ela jamais alcançar as grandes alturas. Por isso é que enquanto a gravura e o desenho brasileiros presentemente experimentam grande voga — e os prêmios internacionais concedidos a Pedrosa d'Horta e a Ailemair Martins, há pouco tempo, são disso prova, — graças às suas características próprias, que lhe emprestam uma fisionomia particular, uma individualidade marcante a pintura teima, infelizmente, em macaquear com maior ou menor êxito fórmulas esgotadas e chaves estereótipas — como se essa ou aquela solução levada ao apogeu por determinado grande artista europeu, e que constitua seu vocabulário típico, intransmissível, pudesse ser aproveitada pelos demais artistas, sem prejuízo de sua autenticidade. Enquanto nossa pintura depender, para seu sustento, da importação de fórmulas alheias, chegadas até nós com o indefectível atraso de alguns anos, faltar-lhe-á maior relevo. Depois da primeira guerra mundial, cedermos avóios e material bélico obsoletos, causa de muitas mortes entre os jovens oficiais brasileiros; pois com a pintura tem acontecido o mesmo. E muito jovem artista nacional, inverteidamente dotado para a sua arte, tem perecido à mão dessa ou daquela teoria, importada já imprestável, de seu país de origem. Ve portanto o leitor, desde agora, que não somos entusiastas da pintura brasileira, que reconhecemos ainda em um estágio bastante relativo de desenvolvimento. Forçoso é contudo reconhecer que os artistas mais jovens — os que apenas despontam para a arte, e que vêm expondo nos Salões Modernos desde há pouquíssimos anos — têm ultimamente procurado reagir contra essa situação de subordinação e inferioridade em que jazia a pintura brasileira, em que quatro ou cinco grandes nomes despontavam, sobressaindo à mediocridade e à discricção gerais. E é em pintores novos, como Ivan Serpa, Marques de Sa, Quaglia, Benjamin Silva e outros, que repousa a pintura brasileira do futuro, sejam eles figurativos ou não figurativos, busquem em sua arte, gloriem-se, ou repudiam a natureza, não que ressolta o problema de hoje não em voga das tendências em que se dividem a arte, o conteúdo não se altera, o mundo, vê-se, penetram no Salão Moderno de 1957, que figurativos e não figurativos são em número aproximadamente idêntico, e atingiram um grau de desenvolvimento técnico que praticamente se equiparava. Entre os concorrentes ao prêmio de viagem ao

JOSE ROBERTO TEIXEIRA LEITE

estrangeiro — e que são todos os que possuem certificado de isenção de júri, concedido em salões anteriores, — não saberíamos a quem dar tal recompensa: se a Ivan Serpa, se a Benjamin Silva, se a Djaniira, Quaglia, Raimundo Nogueira, Ernani Vasconcelos, Jenner Augusto, Ivan Serpa, profissional da pintura, artista ainda moço, seguidor em Artes Plásticas, mereceria o prêmio, pela seriedade com que trabalha, pelo grau de maturidade técnica a que atingiu — se bem que, no nosso entender, suas obras atualmente em exposição não sejam o que de melhor já desse artista temos visto; Benjamin Silva estava a merecer porque, em alguns anos somente de carreira, al-

rece-nos terem sido traídos por seus envios, mormente Raimundo e o baiano Jenner Augusto. Em rápida vista de olhos, pelo Salão, apreciamos com agrado a obra de Rapoport, suas figuras solidamente estruturadas, a cor mareante de seus quadros; desgostou-nos a submissão de Isabel Pons aos moldes portinenses, e a arte amorfa de Henrique Cavaleiro. Bustamante Sá, Teruz, Ivone Visconti Cavaleiro, Rescala, Manoel Santiago — a qual não teria sido aprovada no Salão Moderno, se os citados artistas já não possuísem, de Salões anteriores, um certificado de isenção, que assumo no caso as proporções de verdadeiro mandato de segurança... vimos o marcar pas-

cent Ibberson, senhor de um colorido todo seu; o mesmo não podemos dizer da contribuição de Frans Krajesberg, cujo não-figurativismo não nos seduziu; Geza Heller, Mysabel, Lygia Clark, apenas discretos, dentro de suas características habituais. Os chamados "mestres" não compareceram ao Sexto Salão; e sua ausência pode ser lamentada, se só levar em conta que sua participação viria dar maior importância ao certame. Artisticamente, contudo, eles pertencem mais ao domínio dos museus, do que ao das mostras atuais. Outro ponto sobre o qual não podemos deixar: a realização, em setembro vindouro, da Bienal Paulista, forçosamente influirá na qualidade artística das pinturas enviadas ao Salão Moderno: não é brincadeira, preparar um bom grupo de obras



Pintura de Maria Leontina



Xilogravura de Renina Katz

### Michel Simon, pintor brasileiro

GUILHERME DE FIGUEREDÓ

PELO Natal, ou quando havia alguma notícia rápida a comunicar... em Paris, um cartão seu, assinado por sua própria mão. Era um recorte de amigo, só mandado por ele admitir a sua intrusão, feita de discos de canções francesas, de entusiasmo para folclore brasileiro de projetos de livros e de viagens. O cartão tinha sempre uma coroa e um naufragio no mar, o alto de Corcovado, o Guanabara, ou fundo pequenas virgulas de gravuras. Os primeiros, no entanto, com suas hachuras verbes ao vento, e continha sempre uma pergunta: "Quando e que você vem?" E uma página, para a minha leitura. Na primavera, foi a Capri. E uma esperança, "Breve vício ao Brasil". Palavra, a graça dos desenhos de Michel Simon era cada vez mais gentil, mais cuidada, mais leve, mais leve, mais leve, como cuidava de seus trabalhos literários, as traduções de Manuel Bandeira, o livro sobre Rio de Janeiro, os artigos carnavalescos no semanário "Arts" sobre o prestígio nacional da "balzaquina". Só agora depois de sua reveladora exposição, Michel Simon me aparece desenhista e pintor. Ele me mostra logo, aquarela da ponte de Rialto, em Veneza. Mas o sério mesmo, de sua arte plástica e do conjunto de desenhos e aquarelas de Brasil: figuras do Bumba-me-Boi, Angulos do Ver-o-Peso do Pará, um canto de ruela colonial de São Luiz de Maranhão, a Boa Viagem agitada, a feira de Agua-de-Mentão, as lojas vendedoras de doces, pratos de macumba, agros, boia, casa de sapé. E então, mais se confirma em mim a convicção de que este homem, que Octávio Tarquínio de Sousa traduziu para Miguel Simões e uma figura essencial da divulgação de nossa arte, é uma das maiores e das melhores artes brasileiras. Miguel Simões, divulgador do Brasil, desistiu de ser artista "francês" na escolha dos temas de sua poesia de sua prosa de seu painel. Como seus distantes compatriotas Jean de Léry e Decebal, converteu-se ao país onde viveu seu professor, e se tornou fora do Brasil, um professor de Brasil.

Lembra-me de, quando apontado ao Rio e à vida, a sua necessidade em casa de Anibal Machado, por onde passa todo artista que deseja conhecer o Brasil! Há de ter ouvido ali e seu primeiro samba, onde há de ter seido para a primeira incursão nos terreiros de Caxias, daí partir para o primeiro O-mítai ali em 1906, série de poemas, Portinari, o seu mestre De Cavalcanti. Por ali que o "nonnato" para o Prêmio Congresso de Escritores, expedição "trasmundi" hoje um

(Contar na 1ª página)

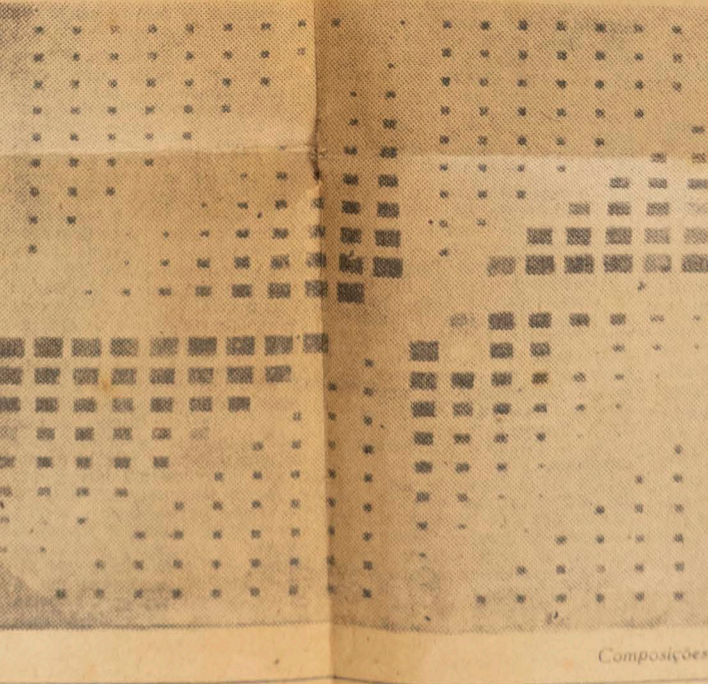
### AS ARTES NO MUNDO

A Galeria "Gaspardier", em Paris inaugurou-se uma exposição que procura, através de um conjunto de uma centena de quadros, da história da pintura francesa em dois séculos de Louis David até aos contemporâneos.

OUTRA exposição parisiense é a galeria de Joven Pintura e a Joven Escultura, a primeira desde a morte do Pavillon de Marsan.

PARA TODOS

Tal superioridade da pintura, no Salão Moderno, não é contudo uma ascendência em qualidade, porém somente em quantidade: qualitativamente, quem ignora que nossos gravadores e desenhistas todos os anos se apresentam em nível bastante superior ao de nossos pintores? Porque, verdade seja dita, a pintura, no Brasil, admitida no Salão Moderno; escultura, gravura, arquitetura, desenho e artes gráficas, e arte decorativa, isso já serve para demonstrar a importância da pintura no cenário grande mostra de arte contemporânea brasileira, o que talvez tenha sido a causa de o legislador, no artigo 13 da citada lei, ter concedido um prêmio anual de viagem ao estrangeiro a pintor, ao passo que o prêmio restante tem de ser arduamente disputado por escultores, gravadores, arquitetos, desenhistas e decoradores, o mesmo acontecendo com os prêmios de viagem ao país. A pintura mereceu, portanto, de parte dos organizadores da lei 1.512, um antipático — até certo ponto compreensível — privilégio.



Composições de Ivan Serpa e Inaim

cancelou uma situação de grande releve nos quadros de nossa pintura, sendo hoje em dia um de nosos figurativos mais bem dotados, senhor de sólida técnica, que utiliza de maneira a mais elogiável; Djaniira o mereceu, porque de Salão para Salão vem a sua pintura melhorando, e no atual, duas de suas telas são magníficos exemplos de boa composição, colorido bem dosado, temática renovada; Quaglia igualmente, porque ainda muito moço, tem trabalhado com afinco, sem parar nunca, a cada dia que se passa acrescentando alguma coisa à sua arte já bastante apreciável; Raimundo Nogueira, Ernani de Vasconcelos e Jenner Augusto, possuidores que são certificados de isenção, são candidatos teóricos ao prêmio de viagem ao estrangeiro, mas no Salão atual, pa-

para esse, e para aquele conclaves. Muitos artistas resolveram o impasse sacrificando o Salão, ou, outros, porém, resolveram tentar ambos — e talvez a essa hora já se tenham arrependido da façanha.

Resta fazer uma menção à boa disposição, das obras, no recinto da mostra: até agora, não ouvimos as habituais lamúrias daqueles que se julgam eternamente prejudicados, pela colocação de seus trabalhos, no vasto salão. Não sabemos, enfim, terminar essa crônica, sem breve alusão à carinhosa e merecida homenagem prestada a Santa Rosa, artista plástico dos melhores que temos tido, membro de Júri tantas vezes, o ano passado desaparecido, em circunstâncias que ainda hoje lamentamos.

### Gravuras de ROSSINI PEREZ

COM sua segunda exposição individual, Rossini Perez realiza uma das mais belas mostras que tivemos este ano no Rio.

Recomendo a todos que não deixem de visitá-la na Petite Galerie e um artista jovem que, tendo se apresentado em 1952, conseguiu em pouco tempo prestígio e consideração devidos menos ao seu evidente talento do que à seriedade com que vem trabalhando e realizando uma obra que já apresenta contornos precisos.

São três de as gravuras das séries de 1955 a 1957. As últimas peças — gravuras em metal com temas de favelas — são as que mais nos agradam, mostrando uma obra que já possui luminosidade que falta o artista à linha de Paul Klee, com belos resultados.

No conjunto, o artista apresenta, nessa exposição, quatro temas correspondentes a períodos diversos. São eles: barcos, salinas, favelas e favelas. E' na série das favelas — de 1957 — que Rossini Perez atingiu seu maior desenvolvimento — numa harmoniosa



Gravura de Rossini Perez

CARLOS SCLIA

### Crônica das exposições

#### MYRA LANDAU

A Galeria Oca expõe Myra Landau, alemã, gráficas e gravuras. Rio de Janeiro, Buenos Aires já tiveram a oportunidade de ver suas obras, um tanto estranhas, realizadas com recursos técnicos variados e complexos.

O gosto pela textura, a sensibilidade da matéria, levaram em outras exposições esta ceramista a lidar com materiais não tradicionais, utilizando-se de argila, cerâmica, vidro, etc., criando composições de grande beleza.

A originalidade de interpretação e o requiri de linha representam um caminho tentador de sucesso. Não se trata de sucesso fácil e de esterilidade acadêmica que nos amedrontava e deixava céticos quanto ao futuro da arte.

A atual exposição, porém, é tranquilizadora. Superadas as inquietações nefastas desviado caminho fácil, plásticamente enriquecida a expressão, Myra parece ter definitivamente deixado a busca do extraordinário pela busca de uma linguagem pictórica. Um péixe sobre uma mesa verde com fundo vermelho demonstra com que

finura pode usar a cor. As esculturas de Ouro Preto as mulheres sentadas dotadas de costas, em pé, as favelas deixam de ter valor episódico, de ser aspectos curiosos, que interessam aos turistas para ver planos, resolutos, com cores, divididos por traços interessantes, que o sermão ainda mais se ocasionalmente não comparece o episódio.

Parte da exposição, de gravuras, trata-se de estudos e como tais apresentados. A nova técnica interessa a artista que sem demora a enfrentou. Esta estuda, tem efeito benéfico, ajudando-a a firmar o desenho, facilitando a meditação, criando condições para uma futura evolução.

Um céu azul, uma parede branca, a pedra de uma casa de Cabo Frio, a nossa vez constituem o ponto alto da mostra desta artista que, agora, se encontra em caminho promissor.

PEDRO MANUEL